

O CHRISTÃO

Nós prégamos a Christo.

1ª Epist. aos Corinthios cap. I, v. 23



Redacção :

71 — Rua Sete de Setembro — 71

RIO DE JANEIRO.

REDACTORES DIVERSOS.

Publicação mensal.

Assignatura annual 2\$000

ADIANTADOS.

Principia em qualquer mez mas finda em Dezembro.

ANNO I

Rio de Janeiro, Abril de 1892.

NUM. 4

EXPEDIENTE

As pessoas que desejarem assignar o *Christão*, ou auxiliá-lo com algum donativo, podem dirigir-se :

No Rio de Janeiro — aos Srs. Nicoláo Soares do Couto, J. M. G. dos Santos e J. L. Fernandes Braga Junior ;

Em S. Paulo — ao Sr. Mario de Cerqueira Leite;

Em Piracicaba — ao Sr. Manoel de Camargo ;

Em Juiz de Fóra — ao Sr. Antonio Marques ;

Em Petropolis — ao Sr. Henrique Faulhaber ;

Em Nictheroy — ao Sr. Antonio V. d'Andrade Junior ;

Em Jahú — ao Sr. Bellarmino Ferraz.

O CHRISTÃO

Rio, Abril de 1892.

Já é do dominio publico o facto do quebramento das imagens que existiam na sala do jury desta capital.

No anno de 1884 o Sr. Thomas Nogueira da Gama, sendo sorteado jurado, dirigiu ao governo imperial um requerimento em que allegava que, por ser contrario á sua consciencia a presenca do crucifixo na sala do jury e tambem por ser isso prohibido por Deus, pedia que fosse removido aquelle idolo ou si não que se declarasse que não poderia ser jurado aquelle que não professasse a religião romana que era então a religião do Estado. O ministro, que era o Ex. Sr. Franciscó Antunes Maciel, não despachou o requerimento, mas o Sr. Gama foi dispensado do jury. Mais tarde, com a proclamação da Republica, foi elle de novo sorteado, mas allegou que não podia funcionar pela razão

acima referida. Então o Sr. Dr. Macedo Soares, presidente do jury, declarou que não podia dispensar o jurado, “pelo motivo que allegava,” pois “não era isto motivo serio para escusa legal visto que *todos têm obrigação de respeitar a religião do proximo*” * (*Jornal do Commercio* de 5 de Novembro de 1890).

A falta de sabedoria que dictou semelhante despacho, colhe agora as suas disastrosas consequências.

A violação da lei da Republica que consente que permaneçam symbolos religiosos nos estabelecimentos publicos, apesar de estar separada a religião do Estado, foi que deu força ao braço iconoclasta que quebrou as imagens do jury.

Assim a propaganda contra os idolos continuou, attingindo a um tal gráo que se tornou em uma especie de partido, e a politicagem que de tudo se aproveita, e o jesuita que não dorme, valeram-se disso como arma de opposição. E, ou levados pela indignação da multa que soffreram os jurados, que se ausentaram do jury por motivos de consciencia, ou convictos pela propaganda que se tem feito contra os symbolos religiosos nos estabelecimentos publicos, ou, quem sabe! açulados pelo braço do jesuita intolerante para quem os fins justificam os meios, alguns homens (dizem) penetraram na sala do jury, antes da reunião dos jurados e despedaçaram duas imagens, dous crucifixos que ali havia.

Não seremos nós que applaudiremos o emprego da força bruta que póde destruir a materia, mas não convence o espirito ; mas, si lamentamos a imprudencia desses homens que quebraram os idolos do jury, não podemos deixar de lamentar, de censurar até, a sem razão com que (salvo mu

poucas excepções) foram atacadas pela imprensa as diferentes denominações religiosas, como si dellas partisse o attentado commettido na sala do jury. E, o que mais dóe, é ouvir-se a injuria com que são assacados os crentes evangelicos, a ameaça de *desagravo, a reacção vingadora e terrivel* que já principiou a colher seus fructos no assalto e apedrejamento ás diferentes casas de oração quando os crentes estavam reunidos no exercicio de seu culto.

Desacatarem-se homens e mulheres inoffensivos que com seus filhinhos estão rendendo culto a Deus, apedrejar-se a casa onde estão reunidos, por causa de um ou outro fanatico que leva seu fanatismo até á imprudencia, é o *desagravo* do diabo, é a vingança terrivel de cannibaeas.

Para isso concorreu poderosamente a linguagem inconveniente de que usou a imprensa em sua quasi totalidade, quando noticiou o quebramento das imagens do jury.

Mas, sobretudo, o que punge o coração, o que dóe acima de todas as dores, é ver chamar-se, do alto da imprensa, a um pedaço de páo ou de marfim, de pedra ou de qualquer outra substancia, o "Deus dos Brasileiros," "o Novo Christo," "a imagem de Deus," como si Deus fosse uma figura, como si Deus não fosse espirito, como si Elle não prohibisse representações, imagens ou semelhanças de seu ser, eterno, immutavel, invisivel!

Sentimos que homens imprudentes tivessem penetrado no recinto sagrado da justiça e ali se tivesse commettido esse attentado á propriedade alheia; mas não podemos deixar de sentir tambem (repetimos) que a imprensa, essa guarda avançada do progresso, essa alavanca poderosa que sabe erguer do abatimento moral o espirito do povo, tivesse se transformado, em sua quasi totalidade, em pedras para serem atiradas pela turba multa desenfreada contra quem não tomou a menor parte sequer nesse ataque iconoclasta, que foi reprovado pela imprensa com maior desabrimento de linguagem, do que o quebramento das imagens foi executado pelo braço criminoso.

Reprovemos o erro, repudiemos o mal onde quer que elle se encontre, mas saibamos bem discernir entre o innocente e o culpado, entre a verdade e o erro. Saibamos bem dirigir o espirito publico na senda do progresso, da ordem, da verdade, da justiça, da paz e do bem.

Em summa, fique bem patente que, embora condemnando o acto do quebramento das imagens por quem não tinha direito de assim fazer, dizemos alto

e em bom som, que um pedaço de páo ou de pedra, imagem de homem ou de mulher não é a semelhança de Deus, não é "o Deus dos Brasileiros," pelo menos não é o Deus dos Brasileiros sensatos que conhecem a Escriptura Sagrada, os quaes acatam a Lei de Deus que diz no Decalogo: (1)

NÃO FARÁS PARA TI IMAGEM DE ESCULPTURA NEM FIGURA ALGUMA DE TUDO O QUE HA EM CIMA NO CÉO E DO QUE HA EMBAIXO NA TERRA, NEM DE COUSA QUE HAJA NAS AGUAS DEBAIXO DA TERRA. NÃO AS ADORARÁS NEM LHES DARÁS CULTO (*Ex. 20: 4-5*).

* O grypho é nosso.
(1) Versão do Pe. Antonio Pereira, approvada pelo sr. arcebispo da Bahia.

A morte do Crente.

A morte, poncto terminal de nossa vida terrestre, porta que nos desvenda o mundo dos espiritos, com seus mysterios os inexplicaveis á intelligencia humana, é contemplada por quasi toda a humanidade com extremecido e horror. O crente verdadeiro e o impio contemplam-na de maneira bem diversa: este vê n'ella o principio do castigo merecido pelos seus innumerados crimes, e procura livrar-se d'esta tremenda idéa, não convertendo-se, como devêra, mas internando-se, mais e mais, em seus reprovados vicios; aquelle, porém, encara-a com animo, sem horror: vê n'ella uma simples transição d'esta vida de soffimentos, de tristezas e de dôres para aquella, onde reina a verdadeira e eterna felicidade; considera-a, como deve ser considerada, como uma libertadora que o livrará para sempre das prisões da carne e do mundo, com todas as suas miserias e provações; e, como viajante, que é, ao presentil-a, sente-se satisfeito pela terminação da viagem e das torturas d'esta. O verdadeiro crente não considera a morte, á semelhança do impio, como um castigo, posto que de facto o seja á transgressão de nossos e primeiros paes, porque sabe que é a última provação a soffrer, o ultimo combate a lutar, após o qual receberá a corôa de gloria nos céos! Ao chegar o seu ultimo momento, deixa este mundo, cysol purificador dos verdadeiros filhos de Deus, purificado, luminoso, qual sol radiante, que se mergulha no horisonte, illuminando, com seus ultimos raios, os objectos que o circumdam, para depois se erguer no oriente mais radiante ainda: assim elle desce á tumba, confortando os que o rodeiam com sua fé e esperanza, para depois, ao

ultimo som da trombeta do archanjo, se erguer do fio, glorioso e vencedor da propria morte !

E', firmes n'esta esperanza, que soffremos, com calma, as muitas provações d'este mundo ; que vemos, resignados, desaparecerem, sob as lousas dos sepulchros, os nossos mais prezados companheiros de lucta ; que sentimos, corajosos, desabarem sobre nós as tempestades da vida, sem desertar os nossos postos ! E' que nos anima, guiando-nos em todos esses transes difficeis, onde succumbem os impios, a maior das virtudes concedidas ao genero humano—a fé !

S. Paulo, 1892.

MARIO DE C. LEITE.

AS CATACUMBAS DE ROMA.

CAPITULO I.

PAGANISMO.

(Continuação)

Passo a observar que o systema do Paganismo, como o do Judaismo, era *sacerdotal*: isto é, era administrado por um sacerdocio—entre os Pagãos, homem e mulher—que ficavam entre o povo e suas divindades, offereciam suas orações, faziam o sacrificio, interpretavam signaes e presagios e communicavam a vontade dos deuses, além de exercitarem certas funcções judiciaes.

A adoração consistia no desempenho de certos *actos ou ritos exteriores*: era, em outras palavras, exclusivamente externa ou ceremonial. *Não existem traços* que mostrem que elles ensinavam a moral. Os ritos comprehendiam sacrificios, offertas, orações, incensos, relicarios ou peregrinações a lugares santos, procissões em honra dos deuses, jejuns, abstinencias, mortificações, penitencias, observancias das festas e frequentemente praticas viciosas como as acima mencionadas.

Esses ritos eram sumptuosos requeriam um sacrificio da parte dos que os faziam, conforme a posição na vida e concediam-se de preferencia aos ricos do que aos pobres. Não eram sómente algumas vezes abominavelmente impuros, porém, muitas vezes barbaramente crueis. A' cerca da impuridade das ceremonias é impossivel e não é permitido fallar ; e quando as asserções fossem feitas não seriam acreditadas senão fossem as authoridades citadas por extenso. Basta dizer, que tudo o que o Christianismo possa ou não ter feito, um dos seus effectos é apparente : banio o conhecimento geral

e mesmo os nomes de vicios commettidos publicamente n'essa época : vicios que não sómente reflectiam discredito geral n'aquelles que os praticavam, porém, formando parte de seus ritos religiosos em alguns casos eram obrigatorios, e em outros eram tidos como honrosos e meritorios. E' uma benção que são mortas as linguas nas quaes essas cousas foram escriptas : porém, certamente, não devemos esquecer as lições que ellas ensinam.

Eu disse que os ritos Pagãos eram muitas vezes barbaramente *crueis*. Referia-me principalmente ao modo de *offerecer sacrificios humanos*: e esse modo, segundo a historia antiga parece ter sido universal. Não é conhecida a data em que esta abominação foi primeiramente introduzida, porém, sem duvida foi pouco depois do principio do mundo: os Canaanitas mais 3,300 annos depois da creação do mundo certamente usaram-n'a offerecendo seus filhos aos idolos de Canaan especialmente a Moloch (*). Evidentemente este era um dos crimes designado pelo Todo-poderoso como a razão da destruição d'aquelle povo: "Não darás nenhum de teus filhos para ser consagrado ao idolo de Moloch... Porque todas estas execrações commetteram os habitadores d'esta terra, que foram antes de vós, e com ellas a contaminaram;... que como ella vomitou a gente que houve, antes de vós, vos vomite tambem a vós, se fizerdes outro tanto" (Levitico XVIII 21, 27, 28).

E' necessario explicar que a expressão em nossas Biblias, "consagrar os filhos ao idolo Moloch quer dizer" queimar as crianças em honra a essa divindade: (**) sobre este ponto não ha duvida. Moloch Molech, Malcom ou Milcom, como é variadamente chamado, era o planeta Saturno deificado; e a sua adoração existia principalmente entre os Canaanitas Ammonitas, Phenicios e os de Carthago. Era representado por uma estatua de metal debaixo da forma de um ser humano com cabeça de touro; tinha os braços estendidos para a frente, porém, um pouco abaixados. Os paes collocavam seus filhos nas mãos do idolo, que d'ali cahiam n'um fornalha onde morriam queimadas, durante esse tempo tocavam tambores e trombetas para abafar os gritos das crianças.

Algumas vezes o idolo era ôco.

(Continua)

(*) Deuteronomio XVIII 9, 10.

(**) Compare Deut. XII. 31, XVIII. 10; 2 Reis XVI. 3, etc., com Psalmo CVI. 31, XIX. 5; Ezeq. XVI. 20, 21; Actos VII. 43.

La no Céu

(SANKEY N.º 46)

Oh! pensai desse lar lá no ceu,
 Bem ao lado do rio de luz,
 Onde os santos p'ra sempre ali gozam
 Da presença de nosso Jesus.

CÔRO: Lá no ceu, lá no ceu,
 Oh! pensai desse lar lá no ceu,
 Lá no ceu, lá no ceu, lá no ceu,
 Oh! pensai desse lar lá no ceu,

Oh! pensai dos amigos no ceu
 Que a jornada já têm acabado,
 É dos cantos que soam no ar
 No palacio por Deus preparado.

Hei de ver lá no ceu meu Jesus,
 Face a face seu rosto mirar;
 Longe, longe cuidados tristeza
 Com Jesus vou p'ra sempre morar.

Cedo, cedo no ceu lá estarei,
 Vejo o fim da jornada chegar;
 Meu Jesus ali está me esperando
 E' melhor estar ali que aqui estar.

L. S.

"ADORAVEL IMAGEM."

Deus diz em sua Palavra que não devemos fazer, nem adorar, nem *encurvarmo-nos* (tal é a força do original) perante imagens ou figuras, representações da Divindade de qualquer especie que sejam.

Elle enche os céos e a terra e pergunta: "A quem me assemelhareis vós?"

Contra os crentes evangelicos, porém, clamam os romanistas, dizendo que não adoram a imagem, mas sim o que ella representa.

Esta evasiva é a objecção apresentada por todos os idolatras. Homens vis e embusteiros ha que sabem que esses idolos nada valem, mas veem sempre com a mesma resposta, que não se adora a imagem, etc., e assim conservam o povo no embrutecimento do espirito para satisfazerem muitas vezes seus sordidos interesses.

O ceito, porém, é que o povo adora a imagem, fazendo-lhe todas as rogativas como si ella possuísse alguma virtude, esperando della a graça pedida e prestando-lhe todas as honras que só cabem a Deus. Cahem assim na condemnação da lei de Deus que diz: "Não terás outros deuses diante de mim?"

Mas, ao passo que vão contra a asserção de que são elles idolatras e retorquindo dizem que não se

adora a imagem, de vez em quando, escapam-lhes palavras que deixam ver o verdadeiro sentido do ensino romanista a esse respeito.

Assim é que o Sr. Vigário Geral, fiel interprete das doutrinas de Roma, na publicação que fez no *Jornal do Commercio* de 3 do corrente, falando da procissão do desaggravo, referiu-se á imagem que era carregada pelos feics romanistas e disse: "...As flores choviam sobre a adoravel imagem (sic.).

Ora, si a imagem é adoravel, como se diz que não se adora a imagem?

Leitor, fugi do ensino perverso de Roma que leva á perdição da alma.

Lêde a Escripura Sagrada, a Palavra de Deus, que diz:

9 Todos os artifices d'idolos são nada, e as suas imagens tão prezadas não lhes aproveitarão; elles mesmos são testemunhas para sua confusão, de que os seus idolos não vem, nem entendem.

10 Quem formou hum Deos, e fundio huma estatua para nada util?

11 Eis-ahi está que todos os que tem parte nesta obra, serão confundidos: porque estes artifices são huns puros homens: todos se ajuntarão, apresentar-se-hão e ficarão espavoridos, e serão juntamente confundidos.

12 O official de ferreiro trabalhou com a lima: com brazas, e martellos o formou, e o lavrou á força do seu braço: elle terá fome e desfalecerá, não beberá agua, e enfraquecerá.

13 O escultor estendo a sua regoa sobre o páo, elle o formou com o cepilho: pol-lo em esquadria, e com o compasso lhe deo as devidas proporções: e fez d'elle huma imagem de varão como hum homem bem apessoado que habita numa casa.

14 Cortou cedros, tomou huma azinheira, e hum carvalho, que estivera entre as arvores d'hum bosque: plantou hum pinheiro, que criou a chuva.

15 E esta arvore servio aos homens para o fogão: elle mesmo tomou parte das mencionadas arvores, e com ella se aquentou, e a accendeo, e cozeo hum par de páes: e do mais que ficou fez elle hum Deos, e o adorou; fez huma estatua, e prostrou-se diante d'ella.

16 Ametade d'este páo queimou elle no fogo, e com a outra ametade cozinhou as carnes que comeo: acabou de cozer as suas viandas, e fartou-se d'ellas, e aquentou-se, e disse: Bom, aquentei-me, já vi aceso o fogão.

17 E do que ficou do mesmo páo fez elle para si hum deos, e hum idolo: diante do qual se prostra, e o adora, e lhe roga, dizendo: Livra-me, porque tu és o meu Deos.

18 Elles não souberão, nem entenderão: porque os seus olhos estão cobertos para que não vejam, nem entendão em seu coração.

19 Não reflectem dentro no seu espirito, nem

conhecem, nem entendem, para discorrer: Eu accendi o lume com a ametade d'esta madeira, e cozi esse par de pães sobre as suas brazas: cozi carnes e comi-as, e então do seu resto farei eu hum idolo? prostrar-me-hei diante do tronco d'huma arvore? (*Isaias* xlv. 9-19)

O Rio Crystallino

Apoc. XXI. 1.

(SANKEY N.º 198)

Fonte de amor perenne,
Manancial de luz!
Agua da vida corre
Do throno de Jesus
Calmo rio! Bello rio!
Quero estar tambem
Onde as aguas sempre correm
Desse rio—além.

Muitos de nós já foram
Cantar essa harmonia
Que as lindas harpas tocam
Com santa melodia.
Santo rio! Junto a ti
Vou cantar tambem
Onde as vozes nunca cessam
Na Jerusalem.

Limpida fonte corre,
Brilhante corre a flux.
Quem fez aquella alvura?
O sangue de Jesus.
Corre rio, calmo corre,
Corra assim a paz
Em minh'alma, para sempre
Corra mais e mais.

L. S.

Estudo Biblico

OS DOZE APOSTOLOS

Marcos 3 v, 16 a 19

1	Simão Pedro	7	Mattheus
2	Tiago	8	Thomé
3	João	9	Tiago
4	André	10	Thaddeo
5	Felippe	11	Simão
6	Bartholomeu	12	Judas

Judas trahiu a Jesus e foi substituido por Mathias—Actos I, v. 16 a 26.

Paulo foi escolhido para ser apostolo dos Gentios—Actos 9, v. 11 a 15. Alguns estudantes da Escripura entendem que Paulo e não Mathias é o verdadeiro substituto de Judas, que os apostolos fizeram a eleição de Mathias antes da descida do Espirito Santo, sem autorisação do Senhor.

Classe Biblica Dominical.

ASSUMPTOS PARA ABRIL DE 1892.

Abril 3

O caminho do Justo—Salmo I v. 1 a 16.

Decorar—Salmo I v. 1.

Abril 10

O Rei de Sião—Salmo 2 v. 1 a 12.

Decorar—Salmo 2 v 13.

Abril 24

O Senhor meu Pastor—Salmo 22, v. 1 a 6.

Decorar—Salmo 22, v. 1.

A Classe Biblica na Igreja Evangelica Fluminense, reúne-se nos Domingos ás 5 ½ horas da tarde, e é dirigida pelo pastor.

Elementos para a Historia.

Por ordem da autoridade diocesana effectuou-se no dia 1.º de Abril a procissão de *desagravo* contra o terrível *Sacrilegio* de terem quebrado as imagens do jury.

Escutemos o que diz a imprensa a esse respeito: *Novidades* "... Em toda a rua do Ouvidor a imagem foi delirantemente aclamada pelo povo.

... Em toda a longa rua do Ouvidor na esquina da rua Gonçalves Dias, na Praça da Constituição, na casa Stadt München e na Rua Sete de Setembro, os conflictos tornaram-se serios."

O Tempo "... Os factos que presenciámos ou de que temos noticias fidedignas foram os maiores escandalos que esta cidade tem presenciado. A procissão sahii da cathedral, percorreu as ruas do seu itinerario e recollheu-se no meio de conflictos, de desordens e de tumultos de toda a especie.

... A procissão sahii com effeito á hora marcada e logo na rua 1.º de Março feriu-se o primeiro conflicto. Quando a procissão passava em frente ao nosso escriptorio, a vimos ladeada, junto aos irmãos terceiros, grupos compostos de individuos armados de cacetes ou grossas bengalas a vociferar *péu péu* sem temor, sem respeito ao acto religioso que celebravam. Algumas pessoas que, ou por descuido, ou por proposito irreverente não tiravam logo o chapéu, eram assaltadas e espancadas, cruamente. Os agredidos reagiam e assim travaram-se os conflictos que em alguns logares foram sangrentos. Em quasi toda a rua do Ouvidor houve pancadas, cabeças quebradas, tochas partidas, cruces e signaes atirados nas calçadas e a confusão propria de scenas taes.

... Ahi (no escriptorio do *Diario de Noticias*), os grupos armados de cacetes a que nos referimos, cahiram sobre alguns rapazes que conservavam-se irreverentemente de chapéu na cabeça e os esbordoaram com tal precisão (digamos a verdade) que manifestavam aos que das janellas assistiam á scena a convicção de que elles haviam sido postados nas alas da procissão para tal fim.

... O escriptorio do *Diario de Noticias* foi invadido, as pessoas que n'elle se achavam, esbordoadas e feridas e talvez mortas se as praças de policia não repellissem a ponta de espada os assaltantes. N'essa occasião cerca de trinta furiosos arrastaram para rua um rapaz completamente estranho ao desacato e o esbordoaram a deixal-o exangue na calçada. O corpo foi carregado depois, não sabemos

para onde. N'esse conflicto por pouco os desordeiros não derrubaram o andor do Crucificado, que os Rvds. padres do cabido tiveram de amparar.

...Seguiu a procissão no Largo de S. Francisco de Paula, por motivos ainda da irreverencia de um transeunte que não tirara o chapéu trouxe-se outra desordem. Fuão Pinheiro, cidadão portuguez, foi ferido na cabeça e uma senhora ao braço de seu marido soffreu dos desordeiros uma cacetada que a prostrou sem sentidos.

Deo voltar a procissão a rua Sete de Setembro, deu-se outra scena sangrenta :

Em um bond da Companhia Villa Izabel estava o soldado do 2.º batalhão da brigada policial, Ernesto Diogo Martins, que por distracção não tirou o chapéu. O tal bando de caceteiros a que nos estamos referindo, invadiu o bond e espancou aquelle soldado, que só, desarmado teve de fugir para salvar a vida. O bando o perseguiu até o Largo do Rocio e refugiando-se o soldado na *Stadt München*, invadiu este estabelecimento, quebrando e destruindo tudo. Era certo para aquelles furiosos que o dono da *Stadt München* nada tinha com a procissão, mas a vezaniad'elles era tanta, que só deixaram o botequim depois de completamente devastal-o.

A casa foi depois apredrejada selvaticamente.

...Em frente ao posto policial situado no começo d'aquella rua, os taes bandos já reforçados por outros desordeiros, bradaram para os soldados que ajoelhassem e ainda que não obedecidos seguiram sem mais desordem o seu caminho.

São esses em successiva narração os actos de escandalo e de affronta publica á religião que se deram hontem á tarde em ruas das mais frequentadas da cidade, durante tão grave, tão elevada, tão magestosa solemnidade qual a da procissão do desaggravo. Não os descrevemos mais minuciosamente, para não augmentar-mos a vergonha do feito, pela memoria escripta d'ella."

Jornal do Brazil—“...A multidão que enchia as ruas, apouso-se de um entusiasmo tal, que, dava palmas, levantava vivas e atirava flores á passagem do prestito, facto não commum nessas solemnidades. Ao par desse entusiasmo reinava tambem grande excitamento nos animos, o que pela imprudencia de algumas pessoas que recusaram tirar o chapéu á passagem da procissão, deu lugar a lamentaveis conflictos. Em razão desses conflictos soffteram allumas casas, á porta das quaes estacionavam pessoas cuja attitude parecia ao povo ser irreverente.

Assim é que foram invadidas diversas casas da rua do Ouvidor entre as quaes o escriptorio de um dos nossos collegas, pela multidão que perseguia os imprudentes que recusavam descobrir-se e ahi se iam refugiar. Foi invadida tambem, na Praça da Constituição, a *Maison Desiré*, onde se refugiára um individuo perseguido pela multidão. A casa ficou damnificada.

Diario de Noticias.—“...Quando appareceu a procissão algumas pessoas houve que conservaram o chapéu na cabeça, o que foi a causa do conflicto havido entre essas pessoas e os fieis que de opa acompanhavam a procissão. A' frente desta muitos fieis gritavam que tirassem o chapéu, e, sempre

que não eram obedecidos, investiam contra os recalcitrantes. de bengalas em punho. Foram vistos sujeitos de navalhas, ameaçando todos aquelles que se negavam a descobrir-se.

...Na rua dos Ourives houve novo conflicto, motivado tambem por não quererem tirar o chapéu alguns individuos que assistiam á passagem da procissão. Ahi, depois da troca de alguns tiros de revólver e de algumas cacetadas socegaram os animos graças á intervenção do alferes Prudente, commandante da 1ª estação policial."

O Paiz.—“...Em frente ao café de Londres, outros perversos espalharam na rua phosphoros de cêra, contando com um divertimento estúpido ou com a queida de alguns dos animaes montados pelas patrullhas da policia. Era, portanto, de esperar o que ocorreu; aquelles que precediam o prestito acometeram os auctores ou suppostos auctores da graçola, havendo troca de cacetadas e bordoadas com tochas."

Gazeta de Noticias—Ao chegar ao canto da rua dos Ourives, muitas senhoras e pessoas que faziam parte da procissão, assustaram-se com os gritos dados pelo povo para que tirassem o chapéu, e deitaram a correr pela rua Nova d'Ouvidor. Houve uma grande confusão e sobresalto; mas dentro em pouco estava estabelecida a ordem. Junto á porta do *Diario de Noticias* reproduziu-se a mesma scena.

Um grupo de moços, alguns dos quaes estudantes da Escola Polytechnica, recusaram-se a acceder ao pedido para tirar o chapéu. Varios populares quizeram, por meios violentos, forçal-os a isso, e refugiando-se aquelles no *Diario de Noticias*, o escriptorio d'esse nosso collega foi invadido, ficando quebrados quadros, globos e a grade do balcão.

Houve ligeiros ferimentos, tendo um dos contedores disparados tiros de revolver, que felizmente não feriram a ninguem.

Ao passar em frente á *Glace Elegante*, um grupo observou que um official do exercito não havia tirado o bonet e immediatamente o agrediu e desacatou.

Apezar da situação difficil em que se encontron, esse official não se descobriu.

Os outros órgãos da imprensa que lemos nar-raram o facto mais ou menos como os collegas já citados. O *Diario do Commercio* mui resumidamente trata dos conflictos occorridos, mas diz a respeito da procissão do desaggravo: O catholicismo deve estar jubiloso e jubilosissimo." E a *Cidade do Rio* acrescenta: “...E para defender a religião de amor e de perdão, de fraternidade e misericordia, foi preciso empregar o *assomo de Marcos?*” [Vae sem commentarios].

Ouçamos agora o que a respeito da procissão publicou no *Jornal do Commercio* o Sr. Vigario Geral da Diocese em seu agradecimento ao publico :

“Ainda sob a impressão causada pelo grande triumpho, hontem alcançado pela Fé Catholica nesta cidade, julgo de meu dever, como Vigario Geral desta Diocese, na ausencia do seu digno prelado, patentear ao publico desta grande capital os sentimentos de gratidão que me vão n'alma.

O sacrilego ultraje á imagem de Nosso Divino Redemptor, praticado no dia 25 do mez passado,

teve o seu completo desaggravo com a magestosa imponencia da procissão determinada pelo Illmo. Cabido.

A multidão extraordinaria de povo que enchia as ruas desta capital, de um modo quasi nunca visto, veio demonstrar os sentimentos catholicos desta nação. A Veneranda imagem de Jesus Christo Crucificado percorreu as ruas desta cidade sob as mais esplendorosas manifestações de triumpho.

Não pudera ser mais solenne o desaggravo!

As lagrimas que vimos correr de tantos olhos, o povo que em massa se prostrava de joelhos, as palmas e lenços que agitavam as mãos das familias, que enchiam todas as janellas, as flores que choviam sobre a adoravel imagem,* os vivas que em phrenesi irrompiam dos lados á Religião Catholica, ao Papa Leão XIII, ao prelado Diocesano, ao Clero, ao Cabido e principalmente a Jesus Crucificado, foram bem eloquentes testemunhos de reprobção ao sacrilego attentado e uma publica demonstração da Fé Catholica que anima o povo brasileiro.

Meus sinceros agradecimentos, ao Illmo. Cabido, ao clero secular e regular, ás Ordens Terceiras, ás Confrarias, Irmandades e Devoções, ao povo e particularmente ao Egregio Tribunal do Jury, á Imprensa e ao exercito brasileiro representado pela respeitavel Irmandade da Cruz dos Militares, que promptamente correu a fazer guarda á Veneranda Imagem de Jesus Christo.

Rio, 2 de Abril de 1892.—Monsenhor João Pires de Amorim, vigario geral.”

Já viu o publico o que disse o Sr. Vigario Geral, mas ha de ter notado commosco que nem uma palavra de reprobção elle teve para os desordeiros catholicos que levaram o seu fanatismo até ao ponto de tentarem contra a vida de seus semelhantes.

E só s. revma. não viu as lagrimas, não escutou o choro das pobres senhoras que clamavam por soccorro!

Levantando seus olhos para as janellas só via as flores que choviam sobre a adoravel imagem mas não reparava para os cacetes, as facas, os revolvers.

E, depois de tão esplendorosas manifestações de triumpho, segundo o que ficou transcripto dos jornaes, s. revma. ousa dizer: “Não pudera ser mais solenne o desaggravo!”

S. revma. manifesta assim connivencia nos actos reprovados que foram praticados por occasião do desaggravo de 1º de Abril.

Siva o que deixamos transcripto de elemento para a historia.

Quão diferente, porém, a religião de Jesus dessa religião romana representada nessa procissão e pelas palavras do Sr. Vigario!

Nosso Senhor Jesus Christo não pediu desaggravo, nem ira; nem vingança contra os que lhe accommettiam. Ao que lhe vendia com um beijo traiçoeiro, elle dizia: “Amigo, ao que veste?”

A Pedro que tirava sua espada e feria ao servo do summo sacerdote, elle ordenava: “Embainha a tua espada.”

Aquelles que o calumniando faziam-no soffrer a morte dolorosa da cruz, Elle exclamava: “Pai, perdoa-lhes. Elles não sabem o que fazem.”

E agora prega-se o *desaggravo* em nome de Christo e bate-se palmas aos soffrimentos alheios! E, no meio dessas *esplendorosas manifestações de triumpho*, “o catholicismo romano deve estar jubiloso, jubilossissimo!”

Embora corra o sangue das victimas immoladas á sanha do fanatismo religioso, pouco importa! “NÃO PUDERA SER MAIS SOLEMNE O DESAGGRAVO!”

Oh! quão diferente da religião de Jesus! Quão diferente!

* O grypho é nosso.

O jornal.

O jornal é uma obra encyclopedica, onde todas as idéas acham espaço, todos os factos annaes, todas as artes echos, todos os problemas soluções, todas as dores desafoço, todas as aspirações formulas, todas as grandes luctas alentos. O jornal é um livro immenso que todos leem e que todos escrevem; que decompõe como o iris os matizes da luz e leva em seu seio, como a nuvem, os relampagos da tempestade; que é como o Agro em Athenas, como o Foro em Roma o lugar onde se congregam todos os tribunos, onde cantam todos os amores pelas idéas e onde bramam todos os odios; instrumento que não possuiu nenhuma revolução antiga, missionario de que não dispoz nenhum dos reformadores que, com a sua idéa ou a sua palavra destruíram um mundo e renovaram outro, o jornal é hoje, n'este immenso cahos onde tantos novos elementos sociaes se agitam, a obra mais penosa e que mais suores custa, que mais vida consome, a que mais satisfações proporciona, mas ao mesmo tempo a que tem mais transcendental influencia, sobre a vida e sobre os costumes; e portanto, é sem duvida, sempre o alvião contra os furores dos governos arbitrarios.

E. CASTELAR.

D'A *Patria* de S. Felix.

CORRESPONDENCIA

Jahú, 4 de Abril de 1892.

Aqui cheguei na noite de 15 de Março, encontrando uma cidade abandonada e triste, ruas desertas e casas fechadas, havendo fugido a maior parte dos habitantes acossados pelo medo da epidemia reinante.

Quando cheguei o numero de doentes elevava-se a mais de 200, havendo 15 a 20 obitos por dia, o que constitue uma cifra enorme em relação aos poucos que ficaram na cidade.

Logo que cheguei, procurei o pastor da Igreja Presbyteriana aqui existente, porém soube que se havia retirado para fóra da cidade; de maneira que fiquei sem saber onde encontrar algum irmão na fé. Tambem, era tanto o trabalho que não me deixava tempo para mais nada. Alguns dias depois, soube por acaso, que o escrivão de paz era protestante, o que me alegrou por ter emfim encontrado uma pessoa das mesmas crenças: é o Sr. Bellarmino Ferraz, que foi estudante da missão, e é presentemente presbytero da igreja e candidato ao ministerio.

O pastor, Sr. Bizarro, é influencia republicana no Jahú. Ha aqui um templo presbyteriano, recentemente inaugurado em Dezembro do anno proximo passado. Terreno e construcção, tudo custou 10:000\$ e foi a maior parte doação de um membro abastado. Tem fórma exterior de templo e tem tambem um pequeno sino.

Ha muito mais de 100 membros, residindo a maior parte em *sítios* e arredores da cidade.

Os cultos são regulares, não sendo frequentados agora por causa da epidemia.

Por intermedio do Sr. Bellarmino, que aceitou o cargo de agente do *Christão* aqui, arranjei cerca de 10 assignantes para o mesmo jornal e espero arranjar mais.

Ha uma collecta mensal para as Missões Nacionaes. O pastor é pago pela igreja.

São estas as principaes noticias sobre o movimento religioso do Jahú. *N. S. C.*

NOTICIARIO

Ed. Wesson.—No dia 20 de Março falleceu este nosso estimado irmão, que tinha a seu cargo a *Rio Harbour Mission* (missão aos marinheiros do porto do Rio.)

Sentimos a perda que acaba de soffrer a *Harbour Mission* e rogamos a Deus que cedo mande outro trabalhador occupar o lugar do nosso irmão fallecido.

Rv. Dr. Eduardo Lane.—No dia 26 de Março proximo findo falleceu de febre amarella Dr. E. Lane, na cidade de Campinas, Est. de S. Paulo.

Ha 20 annos que trabalhava entre nós e era muito estimado por todos que o conheciam.

Formou-se na America do Norte nas aulas de Igreja Presbyteriana do Sul, d'onde veio para trabalhar entre nós.

Com a morte d'este illustre pregador perdem as Igrejas evangelicas um grande vulto.

Communhão.—Mr. C. H. Spurgeon, celebre pregador baptista da Inglaterra, falando do exclusivismo de alguns que não admittem na ceia do Senhor senão os de sua igreja, diz: "Elles se separam do grande corpo do povo de Christo. Separam-se da grande igreja universal. Dizem que não communhão com ella: e se alguém chega-se á meza da communhão que não tem sido baptisado (submergido) elles botam-n'o para fóra. O pulso de Christo é a communhão; e ai d'aquella igreja que procura cessar os males da Igreja de Christo parando seu pulso." *D'A Palavra*, da Bahia.

Na I. E. Fluminense foi baptisada uma senhora no mez proximo passado.

Está de viagem em Jahú um de nossos relectores o Sr. Nicolau Soares do Couto, onde pretende demorar-se algum tempo, do mesmo recebemos uma carta que publicamos em outra secção desta folha.

Proibição de festas.—O imperador da Russia determinou que festa alguma se realizasse este anno em sua côrte, destinado o dinheiro a despendar com ellas para soccorro dos pobres.

Segundo o exemplo do soberano, os aristocratas de S. Petersburgo igualmente resolveram abster-se

de organizar festas despendiosas, e antes recolhem donativos para distribuir pelos necessitados.

O mesmo farão os officiaes de muitos regimentos, privando-se para isso do champagne, que sempre presidia ás suas opiniões, e os funcionarios publicos destinam os honorarios de alguns dias tambem para soccorrer os pobres.

Publicações.—Recebemos pela primeira vez os seguintes jornaes e agradecemos:

A Patria Mineira, que se publica em S. João del Rey, Estado de Minas Geraes;

• *O Evangelista* da cidade da Bagagem, Minas;
• *Gazeta Sul Mineira* da cidade de S. Gonçalo do Sapucahy, Minas;

• *Gazeta da Christina* da cidade da Christina;
• *Mensageiro Christão* da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul;

• *O Arauto* da cidade de S. Paulo;
• *Gazeta de Pitanguy*, Pitanguy, Minas.

Ido's no jury.—Quando no dia 25 de Março do coreate, o porteiro da sala do jury, desta capital, viu nas salas as imagens do Christo, no chão e quebradas, e os moveis em pedaços, encontrou na sala dous individuos, que diz serem os auctores daquelles estragos; um fugiu e o outro Domingos Heleodoro Pereira foi preso n'uma venda e está incomunicavel.

Pereira é crente do Dr. Miguel Vieira Ferreira, tanto bastou isso para toda a cidade alterar-se contra as igrejas evangelicas, que communicava alguma tem com esse acto, e para sciencia do publico os differentes pastores evangelicos fizeram a seguinte declaração pelos jornaes: **DECLARAÇÕES**

"Os abaixo assignados, unicos pastores reconhecidos pelas igrejas evangelicas, Presbyteriana, Baptista, Methodista e Fluminense, d'esta capital, declaram que reprovam o acto selvagem praticado na sala do jury d'esta cidade, e que nenhum d'elles tem feito questão no jury sobre o crucifixo alli existente; e, por isso sentem muita tristeza por ser attribuido a um christão evangelico semelhante desacato, quando, na verdade, um christão evangelico não teria tal procedimento.

Rio de Janeiro, 26 de Março de 1892.—*W. B. Bagby.*—*E. A. Tilly.*—*A. Bandeira Trajano.*—*J. M. G. dos Santos.*"

O caracter do romanismo.—No domingo 27 do proximo passado na occasião do sermão, na igreja de S. Francisco de Paula desta cidade tendo um individuo meio embriagado, dado um aparte ao pregador, allusivo á familia do mesmo, o povo acomettede o desrespeitador da igreja, e trouxe-o aos tombos até ao adro da igreja eahi jogaram-o pela escada abaixo, e a caetadas quebraram-lhe a cabeça.

A este tempo interveiu Francisco C. da Silva, pedindo que não sacrificassem a vida do pobre homem, porém, com estas palavras chamou a si a furia dos devotos, que o espancaram tambem severamente, accusando-o de protestante! No mesmo dia foi assaltada e apedrejada a casa de oração da Igreja Evangelica Fluminense, na occasião do culto, pondo as creanças e senhoras em sobre salto.

Tambem no mesmo dia apedrejaram a casa de oração da igreja Baptista, porém o Senhor guardou o seu povo, nenhuma pessoa das igrejas foi ferida ou espancada.